

humanitas

Vol. XIII-XIV

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XIII E XIV



COIMBRA

MCMLXI - LXII

UMA ESTATUA ROMANA NA QUINTA DA BAETA
(ROSSIO AO SUL DO TEJO, ABRANTES)

A Quinta da Baeta fica situada na margem esquerda do rio Tejo, um pouco a montante da ponte da linha férrea da Beira Baixa e em frente da colina onde se ergue o castelo de Abrantes. Nessa propriedade, em local conhecido pelo nome de ribeira de Fernão Dias, a 100 metros desta linha de água, 200 do Tejo e cerca de 15 acima do nível normal do rio, se encontrou acidentalmente a estátua que é objecto desta nota. Como tantas vezes sucede, foram os trabalhos agrícolas que revelaram a existência da obra de arte.

No dia 12 de Agosto de 1951 lavrava-se a terra naquele ponto, quando o bico do arado bateu em pedra oculta e se partiu. O feitor da quinta, sr. Jaime dos Santos Pequeno, procurou retirar o obstáculo para evitar futuros contratempos e, ao abrir a cova para esse efeito, deparou com a estátua que, mau grado a pequena camada de terra que a cobria (nalguns pontos não ia além de 10 centímetros), pode considerar-se em muito bom estado. Por sorte, o bico do arado bateu na base da escultura, precisamente a parte menos importante e que mais à superfície se encontrava.

A estátua, deitada sobre o dorso, estava metida dentro de uma cova intencionalmente feita, defendida por oito pequenas pedras formando como que uma cista.

Prevenida do achado pelo feitor, a proprietária da Quinta da Baeta, Ex.^{ma} Senhora Dona Maria da Piedade Zuzarte de Sárrea Sanches de Baena Morais, comunicou-o ao delegado da 2.^a Subsecção da 6.^a Secção da Junta Nacional da Educação e director do Museu Regional de D. Lopo de Almeida, sr. Diogo Armando da Silva Oleiro, manifestando também a intenção de oferecer a obra de arte àquele Museu.

Para poder informar em detalhe os serviços competentes do Ministério da Educação Nacional e estudar as providências que conviria tomar, o director do Museu deslocou-se à Quinta da Baeta, examinou o local e a estátua, mandou proteger tudo, e tomou medidas para garantir a boa conservação da escultura até se conhecer resolução superior. Submetido o processo à apreciação da Junta Nacional da Educação, dele fui nomeado relator. Essa circunstância me permite

dar agora aos leitores de *Humanitas* a notícia detalhada sobre as condições e natureza do achado.

A estátua é de tamanho maior que o natural. Tem de altura total 2,10 m., largura de base 0,85 m., largura no tronco 0,70 m. De mármore, que não parece nacional, tem na parte superior uma cavidade para encaixe da cabeça que, infelizmente, se não encontrou. Faltam também as mãos, que se ligavam aos antebraços por meio de espigões de ferro, ainda em parte conservados. Das pedras que à sua volta se encontraram apenas merece referência especial um fragmento de inscrição da qual se distinguem, em duas linhas, as letras ...DEO... e ...NIO...

Considerada sob o ponto de vista estritamente tipológico, não parece que esta obra escultórica levante grandes problemas. Se isso é verdade, não é menos verdade que dela pouco se pode concluir. Na falta da cabeça, das mãos, e de quaisquer atributos ou símbolos, pouco se pode dizer com segurança. Mas preferimos esse pouco ao muito que a imaginação pode sugerir. Trata-se de uma figura feminina, vestindo comprida túnica cujas pregas chegam até aos pés, e, sobre ela, um manto que desce dos ombros, envolve os braços, cruza à altura do ventre, passa sobre o antebraço esquerdo e cai ao longo do corpo. A perna direita está flectida, o pé recuado e apoiado nos dedos, e o antebraço direito levemente erguido.

Embora se trate de um tipo corrente, o trabalho parece de boa oficina. Note-se como o artista tirou partido das pregas do vestuário para acentuar o jogo de luz e sombras, e como todo o corpo se adivinha sob as roupagens. Derivada de protótipos helenísticos dos séculos iv-iii a.C., esta estátua, que considero do século I, pode comparar-se com muitas outras, de várias procedências, existentes em colecções estrangeiras. Vejam-se, por exemplo, as de Tasos e Roma, reproduzidas por Reinach (1) e, mais perto de nós, as de Porcuna e Itálica, publicadas por García y Bellido (2).

Se a falta de atributos e símbolos impede de a definir melhor, isto é, de precisar se seria representação de uma divindade, orante, sacerdotisa, Musa, ou personificação alegórica — e bem poderia sê-lo —

(1) SALOMÓN REINACH, *Répertoire de la Statuaire Grecque et Romaine*, t. V, vol. II, Paris, 1924, p. 374, 6, e t. VI, Paris, 1930, p. 130, 8.

(2) ANTONIO GARCÍA Y BELLIDO, *Esculturas romanas de España y Portugal*, Madrid, 1949, pp. 201-202, est. 169.



ESTATUA ROMANA DA QUINTA DA BAETA

(Fotos cedidas pelo Museu Regional de D. Lopo de Almeida, Abrantes)

a circunstância de a cabeça ser móvel leva-me, no entanto, a crer que deveria ser estátua-retrato, pois, se a cabeça correspondesse a um tipo idealizado não haveria, em obra de boa oficina, motivo para não ser fixa e feita pela mesma mão. Por outro lado, as dimensões permitem a *hipótese* (e sublinho a palavra) de tratar-se de um retrato de membro da família imperial e, neste caso, já a cabeça móvel teria maior oportunidade.

A estátua levanta um outro problema: o da razão por que teria sido intencionalmente depositada naquele local e, segundo parece, afastada do sítio onde primeiro estaria. Para tentar resolvê-lo, teriam sido muito úteis as sondagens que me propunha fazer. Dois motivos as impediram: o desejo, tão natural, que a proprietária da Quinta da Baeta tinha de não atrasar mais os trabalhos agrícolas; e o mau tempo que a elas não era propício. Tive, porém, a promessa de as poder realizar em melhor oportunidade, e mais se não poderia exigir. Nessa altura se tentará a recolha de elementos que permitam a possível relação deste achado com outros de áreas vizinhas, em ambas as margens do Tejo. Efectivamente, para jusante existe uma discutida construção romana que tem sido considerada como ponte; do lado oposto do rio foi, há muitos anos, encontrado um capitel toscano; em Abrantes, no morro do castelo, também se colheram materiais romanos (1), assim como noutros pontos mais para montante e para o interior.

A verdade é que, nas duas vezes em que me deslocuei à Quinta da Baeta, percorri atentamente o terreno lavradio da zona onde apareceu a estátua, sem ter encontrado mais que fragmentos de cerâmica grosseira, sobre cuja época me não atrevo a dar opinião segura. Pelo feitor soube que nunca tinham aparecido quaisquer restos de edificações, moedas, ou outros testemunhos arqueológicos. Quando a escultura foi levantada, também nada se encontrou. E assim persiste o enigma! Até que ponto pode este achado espectacular relacionar-se com a navegação fluvial no Tejo durante a época romana? Talvez o futuro nos forneça os meios para dar resposta a esta pergunta.

De harmonia com o disposto no n.º 1 do § 2.º do artigo 21.º do

(1) J. M. Bairrão OLEIRO, «A propósito de alguns materiais arqueológicos recolhidos no castelo de Abrantes», *Vida Ribatejana*, Vila Franca de Xira, 1951, número especial de Ano Novo.

Decreto-lei n.º 26.611 e com o desejo da Exm.^a Senhora D. Maria da Piedade de Sárrea Sanches de Baena Morais, a estátua deu entrada no Museu Regional de D. Lopo de Almeida, em Abrantes.

Seja-me permitido destacar aqui o alto exemplo dado por aquela senhora ao ceder, espontâneamente e sem quaisquer condições, esta obra de arte a um estabelecimento oficial. A essa nobre atitude, como não poderia deixar de ser, foi sensível o Governo ao dar-lhe público testemunho de louvor. Mas deve também salientar-se, sobretudo quando se recordam tantas incompreensões, mal disfarçadas hostilidades, e, até, actos de puro vandalismo, a colaboração prestada aos sei viços do Ministério da Educação Nacional por todos os que neste caso tiveram interferência: a Câmara Municipal de Abrantes, que cedeu trabalhadores e meios de transporte, e contratou com um canteiro-marmorista a execução da difícil tarefa de remoção da pesada estátua; a Fundação Soares Mendes, que emprestou a aparelhagem necessária; o delegado da J.N.E., que deu os passos convenientes para assegurar a colaboração de todos; e os humildes trabalhadores que auxiliaram a salvaguardar esta bela peça de escultura que muito valoriza o museu em que se encontra.

J. M. Bairrão Oleiro

GREGO E LATIM NOS JORNAIS AMERICANOS

Para este número de *Humanitas* resolvi fazer uma selecção de notícias lidas no *New York Times* e outros jornais. Elas mostram que na complexidade e variedade da vida americana, onde se cruzam pacificamente (com ocasionais, mas raras, explosões de violência) todas as raças, todas as línguas e todas as culturas, neste país de imigrantes, ou descendentes de imigrantes de todas as proveniências, a cultura greco-latina não é esquecida dos grandes órgãos da opinião pública.

No famoso jornal (ao mesmo tempo o mais barato) de Nova Iorque, que publica diàriamente 50 páginas (por 5 céntimos) e aos domingos 500 (por 30 céntimos), aparecem com frequência notícias sobre as línguas e culturas da Grécia e da Roma antigas. Mas além do *New York Times*, outros diários se referem usualmente a assuntos clássicos.